

Reforma Agrária

Gilvan Santos

Oh! Sem Terra dá licença
Que eu venho no dia-a-dia
Dos campos e das cidades
Sertões e periferias
Vou falando desta forma
Desse chão dessa reforma
Aqui nesta cantoria

No começo do Brasil
O chão era pra plantar
Pro plantio e pra colheita
A terra pra trabalhar
Os índios que habitavam
Em tribos se ajuntavam
Juntos tinham seu lugar.

Um dia chegaram homens
Que vinham de Portugal
Pra colonizar a terra
Para a família real
Espingardas agrediam
Os índios se defendiam
E aí começou o “pau”.

Desde que esse país
Começou ser invadido
Os conflitos pela terra
Têm aqui aparecido
Os grileiros lusitanos
Em nome do seu tirano
Mataram índios feridos.

Os primeiros latifúndios
Eu chamo capitánias
Eram terras e mais terras
Que um sujeito recebia
Este aí tinha D. João
Como grande pistolão
Seu peixe sua garantia.

Era tanta e tanta terra
Que não dava pra contar
E nenhuma só família

Lá não dava pra cuidar
Foi um fracasso o sistema
Furando também o esquema
E o jeito foi mudar.

Foram divididas terras
Com outros ricos sujeitos
Nas grandes propriedades
Casarões eram bem feitos
Currais, casas de farinha
Índio e negro também tinha
Trabalhando sem direito.

Tudo isto deu origem
Às grandes propriedades
Ao brabo coronelismo
Com poder e autoridade
E o sem terra agregado
Trabalhando encabrestado
Sofrendo barbaridade

Interessa a história
Dessa imensa nação
Prá gente olhar nos fatos
Fazendo avaliação
E vendo que o brasileiro
Desde o momento primeiro
Sofre com a corrupção.

Este país é tão grande
E tem terra com fartura
Mas o homem da mão grossa
Que faz a agricultura
Nos campos, no pé de serra
Não tem um pouco de terra
Nem mesmo pra sepultura.

A metade da metade
Da metade da nação
Detém a metade e meia
Das terras de nosso chão
Metade e meia do povo
Digo em relação ao todo
Vivendo na exclusão.

Reação vinda do povo
Houve em todo momento

Contra todo esse sistema
Se formavam movimentos
E eu digo com certeza
Que as ligas camponesas
Um dos acontecimentos.

No ano de 64
O homem agricultor
Por uma reforma agrária

Numa luta pressionou
E aí o tal decreto
Aprovando o tal projeto
Jango logo assinou

Mas os chefes militares
E a classe empresária
Também grandes fazendeiros
Essa gente autoritária
Tomaram logo o poder
Pra poderem combater
Contra essa reforma agrária.

E depois de dado o golpe
Invadiram sindicatos
Matando trabalhadores
Na cidade e do mato
Muitos foram torturados
Outros foram exilados
Muitos perderam o mandato.

E fizeram o estatuto
O tenente e o coronel
Pra dizer ao nosso povo
Que os “home” lá do quartel
Eram pelo agricultor
E esse estatuto ficou
Sem sair lá do papel.

Fica aí a ditadura
Durante 21 anos
Perseguindo e prendendo
Proibindo e torturando
A quem defende a liberdade
A justiça e a igualdade
E a luta que tava andando.

Foram mais de dez milhões
De povos agricultores
Que deixaram suas terras
Lá nas mãos dos invasores
Estrangeiros e nacionais
Empresas transnacionais
Os grandes especuladores.

Quem lucrou com tudo isto
Foram as grandes empresas
E os planos do governo
Com suas grandes represas
Dando as terras da nação
Pra grande especulação
Nacional e estrangeira.

As cidades vão inchando
É gente pra todo lado
Casebres e mais casebres
O roceiro é favelado
Passando ao viver de esmola
Sem emprego e sem escola
Cada vez mais lascado.

E é desde muito tempo
Que espera o agricultor
Por uma reforma agrária
A terra pro lavrador
Que é justo e é direito
E o governo pelo jeito
Não dar terra ao plantador
Fazer a reforma agrária
É fazer a terra brotar
Dando áreas em desuso
Para quem quer trabalhar
Dando fruto cem por um
Ninguém fica em jejum
Vai ter tudo até danar.

Não só áreas em desuso
Mas toda a propriedade
De terra que o tal sujeito
Tem em grande quantidade
Tem que ser já dividida
Pra gerar casa e comida
E acabar a desigualdade.

Não basta somente a terra
Para o homem agricultor
Tem que ter a condição
Pra que possa o plantador
Com saúde trabalhar
Sem ter que se endividar
E a ninguém pedir favor.

Com uma reforma agrária
Feita nesta condição
Na questão do alimento
Vai ser grande a produção
Aumenta a oferta de emprego
O povo tem mais sossego
E diminui a exclusão.

Os maiores latifúndios
Estão lá no Maranhão
Seguindo do Piauí
Mato Grosso e tanto chão
Na mão de um só fazendeiro
Com ganância por dinheiro
Fazendo especulação.

Enquanto isso os roceiros
Sem terra somam milhões
Trabalhando sol a sol
Formam grandes multidões
Bóias-frias e meeiros
Retirantes e posseiros
Nas presas dos tubarões.

Se a gente for esperar
Pelo plano lá dos “home”
A gente só vai ter terra
Depois que morrer de fome
Pois de nada adianta
O pobre regar a planta
Se o rico é quem come.

Sendo o plano do governo
Muito muito limitado
Mesmo assim os fazendeiros
Tem jagunços contratados
Pra defender a fazenda
A troco de uma merenda
As unhas e dentes armados.

Com todo este esquema
Armados da tirania
Eles vão assassinando
O povo no dia a dia
São muitos que perdem a vida
Gringo, padre e Margarida
Na cidade, Santo Dias.

Mas com toda essa paisagem
Nossa luta continua
Onde houver um chão aberto
A gente nunca recua
Nós fazemos acampamentos
Furando o pau lá dentro
Que nem a broca de pua.